REFLEXÕES SOBRE SIGNO IDEOLÓGICO (VOLÓCHINOV) E DISCURSO OCULTO (SCOTT): DISCURSO LINGUÍSTICO COMO VIA DE RESISTÊNCIA

Ana Paula André[*]
aninhandre21@gmail.com
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo: O presente artigo tem como objeto de estudo a resistência e o signo ideológico. Apresenta como objetivo a reflexão sobre os pensamentos de Valentin Volóchinov e James Scott, que problematizam questões relacionadas à ideologia, demonstrando as correlações existentes entre signo ideológico, na perspectiva de Volóchinov, e de resistência cotidiana, elaborada por Scott. Justifica-se pela necessidade de compreender os discursos ocultos como resistência e espaço de lutas. Em se tratando da metodologia, o presente artigo parte de uma pesquisa de caráter teórico com revisão crítica de literatura. Apresenta como resultado o signo ideológico discursivo, como reflexo da realidade e fragmento material desta, por meio do qual as resistências ocorrem cotidianamente, contra o sistema de dominação, em diferentes locais de fala, levando em conta as relações de poder e subordinação. Tais resistências, muitas vezes, ocorrem de maneira camuflada, distante dos discursos públicos legitimados, mas ainda assim como expressão de luta. Por meio da pesquisa, concluiu-se que os elementos teóricos dos autores dialogam entre si, compreendendo o sujeito enquanto resultado das interações sociais e submerso em relações de poder.
Palavras-chave: Resistência; ideologia; signo ideológico.

1 Introdução

A temática abordada neste artigo parte da formulação teórica de dois grandes pensadores. O primeiro, Valentin Nikoláievitch Volóchinov (1895-1936), foi um filósofo, músico, linguista e crítico literário russo, pesquisador da linguagem humana e do entendimento acerca da palavra enquanto signo ideológico, integrante do chamado Círculo de Bakhtin[1]. "Volóchinov assume a abordagem sociológica da língua, destacando o papel determinante do fator social para a comunicação verbal, analisando o enunciado e discutindo pontos a partir dos quais vai desenvolver sua teoria da

[*] Mestre em Letras e doutoranda em História (PPGH), ambas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

[1] O círculo de Bakhtin corresponde a um grupo de intelectuais, que se dedicaram a estudar assuntos relacionados à linguagem, à arte e à literatura. "A questão das assinaturas e da *composição* do Círculo tem variado do extremo da negação intelectual de V. N. Volochínov (1895-1936), P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1934), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937) às dúvidas em torno da autenticidade de determinadas ideias e conceitos considerados genuinamente bakhitinianos" (Brait; Campos, 2009, p. 17).

interação verbal" (Brait, 2013, p. 108). De origem russa, em sua trajetória acadêmica produziu, entre outras, a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2018 [1926]) *e A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019 [1926]).

O segundo é James C. Scott (1936-2024), cientista político, antropólogo e estudioso das questões agrárias, que desenvolveu estudos sobre práticas cotidianas de resistências, as quais permitem e exprimem o não consentimento ao processo de dominação. Levando em conta essa não submissão passiva aos ditames hegemônicos, o autor, através de sua obra *A dominação e a arte da resistência*: discursos ocultos (2013 [1990]), aborda questões relacionadas aos diferentes discursos, sejam estes públicos ou mesmo ocultos, mas sempre enredados em um universo de elaboração, o que se dá também através das contribuições acerca das questões agrárias e das lutas dos oprimidos ou subordinados contra aqueles que objetivam a exploração.

> O discurso oculto é aquele que é produzido e ocultado de outros públicos. Este não comporta "apenas atos discursivos, mas todo um conjunto de práticas diversas. Estas práticas contraditam [...] o discurso público do grupo em questão, que procura mantê-las, tanto quanto possível, fora de vista e em segredo [...]"; já o discurso público é, "no fim de contas, o autorretrato das elites dominantes tal como elas gostariam de ser vistas" (Scott, 2013, p. 43-48).

Scott é autor de diversas obras, entre elas: *Ideologia Política na Malásia*: realidade e crenças de uma elite (1968); *A economia moral dos camponeses*: rebelião e subsistência no Sudeste asiático (1972); *Armas dos fracos*: formas cotidianas de resistência camponesa (1976); *Parecendo com o Estado*: como certos esquemas para melhorar a condição humana falharam (1998), entre outras.

A observação participativa de Scott, por meio de sua pesquisa na região da Malásia, região esta que sofria as consequências da Revolução Verde, permitiu-lhe analisar as relações de classe de forma pontual, e como as representações entre ricos e pobres, diante desse cenário, divergiam nos discursos. Ele notou, desse modo, que, para diversas formas de subordinação, a resistência cotidiana é uma estratégia eficaz, já que acaba por influenciar, também, movimentos formais, em uma atitude de contraideologia.

Em ambos os pensadores, encontra-se uma forma peculiar de compreender a ideologia e o uso da linguagem em diferentes contextos, sempre analisados dentro de um momento histórico e mediante relações sociais.

> A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. Na medida em que isolamos previamente os fenômenos ideológicos e suas leis da consciência individual, os relacionamos de modo mais estreito com as condições e as formas da comunicação social. "A realidade do signo é inteiramente determinada por essa comunicação. Pois a existência de um signo não é nada mais que a materialização dessa comunicação. Isso se refere a todos os signos ideológicos (Volóchinov, 2018, p. 98).

A partir disso, evidencia-se o fato de que, no que tange aos discursos, “analisar o enunciado concreto passa, obrigatoriamente, pela análise da concretude pela qual e na qual se realizou. A ideia de concretude não se restringe ao contexto estrito da enunciação, mas sim à sua realidade sócio-histórica” (Molon; Vianna, 2012, p. 160).

Em uma sociedade cuja base estrutural está assentada na divisão e luta de classes, como consequência do modo de produção capitalista, a linguagem age no campo social, ora como signo de perpetuação do sistema vigente, ora como mecanismo de luta e resistências.

Quando visualizamos, com clareza, os condicionantes aos quais estamos expostos, fica evidente que, “na sociedade capitalista, a relação antagônica entre Capital e Trabalho gera não apenas contradições existentes na sociedade, como determina a luta de classes sobre diferentes aspectos da vida social” (Ferreti, 2018, p. 39). Além disso, é possível perceber que tais condicionantes adentram os diferentes espaços da vida social e de suas relações.

A degradação que o sistema capitalista impõe aos homens, diante da exploração de sua força de trabalho e do acirramento das contradições sociais, esquadrinha as suas forças, de modo frenético, e compromete sua atuação objetiva no mundo. No entanto, pensar nas pequenas resistências que, cotidianamente, se erguem em diferentes grupos, espaços e territorialidades é, sobretudo,

> [...] pensar em grupos sociais cuja identidade se constrói em um processo dinâmico, na união de fatores diversos: história, cultura e relações de poder. É pensar em atores sociais detentores de discursos múltiplos que se constroem como sujeitos em suas relações com seus pares e com o universo externo às comunidades em que vivem. Ignorar as diferenças e peculiaridades desses sujeitos, certamente, apresenta-se como um fator negativo para a construção de sua identidade (Santos; Doula, 2008, p. 82).

Compreender as transformações históricas para além de seus determinantes, e todas as relações que envolvem o intercâmbio entre os homens, requer uma materialidade que leva em conta a consciência de si e do outro, não apenas como

trocas linguísticas, mas como parte objetiva das relações sociais que se estabelecem e se posicionam frente às contradições do próprio sistema. Nesse sentido, ganha grande importância o conceito de ideologia, como veremos à continuação.

2 Desenvolvimento

Enquanto mecanismo de perpetuação, a linguagem possibilita, através de sua utilização – e não apenas desta, já que estamos compreendendo-a sob o prisma das possibilidades que extrapolam a fala ou escrita – a perspectiva da incorporação de sentidos e possibilidades de determinações ideológicas, uma vez que é signo e, como tal, reage ao meio social. Além disso, é importante frisar que a palavra, enquanto signo, "[...] penetra literalmente em todas as áreas de comunicação social [...]", o que permite que a mesma seja "[...] capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam" (Volóchinov, 2018, p. 106). Como se nota, Volóchinov acresce à palavra um caráter fundamental no que se refere às relações humanas. Isso por causa de sua natureza intersubjetiva, ou seja, a palavra, para ele, é um evento social de interação verbal e está sempre carregada de um conteúdo ideológico (implícito ou explícito) que se confronta com outros conteúdos ideológicos, o que desencadeia uma teia de significados.

A linguagem, nesse sentido, pode perpassar o viés de ocultação frente aos diálogos proferidos em um universo dito público, levando em conta todos os elementos constitutivos de um diálogo. Dentre esses elementos, podemos citar o discurso, as dissimulações, os gestos, as atitudes que denotam uma resistência ativa, ainda que em um plano peculiar, mas que se configuram como um componente efetivo de futuras rebeliões, lutas e contraposição aos ideais dominantes. "Dar a isso o nome de 'resistência passiva' é, sem dúvida, uma ironia, pois se trata de um dos mais ativos e eficazes modos de ação já concebidos, uma vez que não se lhe pode opor um combate que termine em vitória ou derrota [...]" (Arendt, 2007, p. 250).

Para Volóchinov, a linguagem pode ser utilizada como mecanismo dissimulador das contradições existentes entre as classes sociais, pois ela pressupõe uma cadeia ideológica, que se estende "entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais", ligando umas às outras" (Volóchinov, 2018, p. 34). Tal consciência é compreendida a partir do processo de vida concreto dos sujeitos, ou, nas palavras de Marx (1989, p. 193), "[...]

de homens efetivamente ativos. A partir do processo efetivo de vida deles é também apresentado o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida".

Essa afirmação permite-nos a reflexão de que, se a consciência, efetivamente, é composta pela interação social e resultado do processo de vida dos sujeitos, esta é formada também pela ideologia dos processos concretos entre os homens. Assim, a ideologia pode ser compreendida como um "conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem" (Chauí, 2001, p. 108) aos sujeitos o que e como pensar, agir e sentir. Ou ainda,

> [...] os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência (Marx, s/d, p. 301).

Em ambas as citações, evidencia-se que o que é ideológico é identificado como um símbolo porque carrega uma representação da realidade na qual se insere. Estamos rodeados por signos ideológicos, os quais existem enquanto parte da realidade e refletem e refratam essa mesma realidade.

> Volóchinov entende que todas as classes são capazes de produzir suas ideologias, representando suas condições de existência materiais, e que essas ideologias travam lutas num processo dialético. As perspectivas de classe entram em luta no campo ideológico por meio dos signos que são constituídos de índices sociais de valor impressos neles por essas classes. No entanto, para Volóchinov, essa luta não é travada em igualdade de condições: a ideologia dominante tenta apagar índices sociais de valor heterogêneos, visando a estabilizar aqueles que respondem a seus interesses (Narzetti, 2013, p. 379).

Nesse viés, é possível compreender que, "o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante" (Volóchinov, 2018, p. 93).

Para Fiorin (2003, p. 77), o homem "[...] é servo da palavra, uma vez que temas, figuras, valores, juízos, etc., provêm das visões de mundo existentes na formação

social". Diante de um processo social, o sujeito materializa, por meio da linguagem, as representações e significados, isso enquanto inserido ou na categoria de dominado ou de dominador, ou seja, "um jogo com uma multiplicidade de vozes sociais de temporalidades diversas, de modo que na constituição de cada enunciado haverá sempre uma tensão interna com outros enunciados, esteja ela à vista ou não" (Gonçalves, 2022, p. 152).

Na compreensão de Scott (2013), enquanto dominados, mesmo diante de condições precárias, os indivíduos apresentam desejos para a transformação de suas condições materiais, o que pressupõe uma linguagem ligada a determinado contexto. Essa lógica não declarada faz com que, por meio do discurso oculto (escondido e contraposto ao público), surjam manifestações entre os dominados, as quais incorporam a camuflagem do que foi dito ou expresso por medo de represálias condicionadas ao poder de determinada classe. Tais manifestações, ainda que de forma oculta, entre seus pares, fogem a expressões de embates públicos e produzem o efeito de não aceitação completa da hegemonia ideológica dominante. Processos como este são caracterizados como formas de resistências cotidianas, pois

> [...] alimentam não apenas uma resistência passiva e clandestina, mas também um alfobre de resistência ativa, que alberga um potencial de revolta que o torna extremamente eficaz em circunstâncias propícias à sua desocultação e à sua expressão pública (Scott, 2013, p. 07).

Ou seja, resistências cotidianas na perspectiva de lutas contra o sistema de dominação, em diferentes locais de fala, seja entre classes, gêneros, castas, raças, levando em conta relações de subordinação e subalternidades (Scott, 2013).

Em Scott, a ideologia fundamenta-se em uma forma contrária nas diversas perspectivas de resistência promovidas pelo discurso oculto, como forma inicial de se contrapor às ideologias dominantes. Ele justifica seu pensamento, assim, levando em conta as várias rebeliões ou movimentos dos dominados ao longo da história, os quais promoveram o efeito surpresa para os dominadores.

Também encontramos, em Hannah Arendt (2007), uma perspectiva onde os sujeitos, por meio da linguagem, são capazes de mostrar-se ao universo social, cheios de contradições, já que, "na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano" (Arendt, 2007, p. 192).

Essas questões são fundamentais para que o indivíduo possa se compreender na coletividade de suas ações, isto é, como sujeito social "[...] articulado em práticas discursivas de outros, [...] processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos" (Hall, 2004, p. 111-112). A coletividade é o elemento que dá sentido às nossas ações e configura-se como eco dos discursos e das lutas incessantes, em todas as circunstâncias em que estas são produzidas.

É justamente na organização social que a consciência se materializa. Os signos que a compõem fazem parte das trocas, e a realidade surge,

> [...] espontaneamente, no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. [...] não podemos conceber nenhuma forma de ser social independentemente de seus conceitos e expectativas organizadores, nem poderia o ser social reproduzir-se por um único dia sem o pensamento. O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem à experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobreo qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados (Thompson, 1981, p. 16).

Dessa forma, é possível compreender que a palavra existe para e pela interação social, servindo como expressão mediadora de formas ideológicas, sendo, portanto, repleta de sentido semiótico, e tem a potencialidade de transformar-se em discurso de resistência ativa, ainda que usada no formato de um discurso oculto.

Signos linguísticos e não linguísticos representam, assim, uma complexidade de significações semióticas e estão em constante somatória, compondo o signo ideológico. Essa relação entre o discurso e a semiótica constrói, portanto, a materialidade do signo.

Levando em conta tais aspectos, a sociedade torna cada vez maior sua rede de significações para compor uma estabilidade provisória que dê sentido às novas estruturações e, consequentemente, novas contradições, tensões e rupturas sociais – contradições estas que são refletidas no cotidiano das pessoas, infiltrando-se nos indivíduos e em diferentes instâncias sociais que se entrecruzam. Desse modo, temos o que Terry Eagleton chamou de "uma luta de interesses sociais antagônicos no nível do signo" (Eagleton, 1997, p. 172), que perpassa a interação comunicativa entre os sujeitos.

Segundo Volóchinov (2018, p. 106):

> As particularidades da palavra enquanto signo ideológico [...], fazem dela o material mais conveniente para a orientação principal de todo o problema. Nessa relação, o importante não é tanto a natureza sígnica da palavra, mas a sua *onipresença social*. *A palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc*. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados (grifos nossos).

Scott (2013) e Volóchinov (2018) convergem, assim, em suas reflexões a respeito da palavra, no sentido de que esta carrega o cerne de mudanças, ainda que lentas, mas capazes de fomentar novas interações com a realidade, e também acerca do signo ideológico, uma vez que,

> Antes de mais nada, as próprias bases da ciência marxista da criação ideológica, isto é, os fundamentos dos estudos sobre a ciência, a literatura, a religião, a moral etc. estão ligados de modo mais estreito aos problemas da filosofia da linguagem. Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia (Volóchinov, 2018, p. 91).

Ao atribuir ao signo a sua ligação direta com a ideologia, Volóchinov, expressa também a sua característica de refletir ou 'refratar a realidade', "sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante" (Volóchinov, 2018, p. 93). O campo ideológico existe no signo e este traz a dinâmica social da ideologia.

Mesmo que por expressão de contrariedade ao que está posto, as aparentes aceitação e subordinação passam a ser apenas formas de simulação. Os dominados não ousam "[...] contestar os termos da sua subordinação abertamente. Contudo, fora da arena pública, é frequente criarem e defenderem um espaço social onde a divergência face ao discurso oficial das relações de poder [...]" (Scott, 2013, p. 17-18) ocorrem de forma aberta.

Os mecanismos utilizados para disfarçar a insubordinação ideológica, enquanto discursos ocultos, são uma forma de elucidar a infrapolítica ou, de forma mais simples, a luta diária que os subordinados realizam para desafiar os limites impostos pela dominação. Scott (2013) vai mais longe, não colocando os discursos ocultos apenas na luta de classes, mas incorporando-os às relações de castas, à escravidão, aos

gêneros, aos movimentos camponeses e a todos aqueles cujo discurso de resistência não se torna público, embora penetrem nos bastidores do discurso público, ou seja, distante do olhar vigilante daqueles indivíduos que detêm o poder. Escondem-se tais discursos perante a máscara do conformismo, o que deixa claro o fato de que nem sempre o conformismo silencioso significa concordância cega ao que está posto. Sobre isso, Scott apresenta o seguinte exemplo, ao mencionar a escravatura no Sul do Estados Unidos, na primeira metade do século XX:

> Mary Livermore, uma governanta branca da Nova Inglaterra, relatou a reação de Aggy, uma cozinheira negra, normalmente respeitosa e taciturna, à sova que o senhor havia infligido à sua filha. A filha tinha sido acusada, ao que parece injustamente, de um pequeno furto, e fora espancada sob o olhar impotente da mãe. Quando o senhor finalmente abandonou a cozinha, Aggy voltou-se para Mary, a quem considerava uma amiga e disse: *Vai chegar o dia! Vai chegar o dia!...Já oiço o barulho das carruagens a ranger! Já vejo o clarão dos canhões a lampejar! Vejo o sangue dos brancos a correr pelo chão como um rio, e os mortos em montes dessa altura! Óh, Senhor! Apressa o dia em que os golpes e as chagas, as dores e o sofrimento se abatem finalmente sobre os homens brancos, o dia em que os abutres lhes vão comer as entranhas quando eles estiverem mortos nas ruas. Ó, Senhor! Que os carros venham depressa e que os negros possam finalmente viver em paz. Dá-me o prazer de estar viva nesse dia, em que os brancos serão abatidos como os lobos quando vêm esfomeados da floresta* (Livermore, 1978, p. 313 *apud* Scott, 2013, p. 32, grifos nossos).

O discurso oculto, nesse caso, apresenta sentimentos e dores que vão além do mero conceito. São sentimentos abafados pela opressão do senhor, pela impossibilidade de reagir ao ato da surra à sua filha. As expressões verbais e o desabafo só vêm à tona posteriormente à amiga, mas não na presença do senhor, por medo de represália. A história é testemunha do discurso do dominador e do dominado, bem como da forma com que a ideologia favorece a naturalização da violência do opressor e da maneira como a resistência se instaura a partir do levante do oprimido. A intersubjetividade do discurso se apresenta, constantemente, na relação entre os sujeitos, onde um se reconhece através do outro, ainda que não exposto publicamente, e busca ressonância no discurso oculto, expressando a relação entre o sujeito, a linguagem e a sociedade histórica (Pires, 2002).

Carregado de material semiótico, o discurso oculto busca, nos pares impostos à subordinação, o eco necessário, fazendo reverberar as inquietudes dos sujeitos massacrados pela opressão. As resistências agem objetivamente contra o sistema que perpetua a dominação. Isso traz para o campo dos movimentos sociais uma

grande contribuição, uma vez que compõe o “processo de transformações sociais” (Menezes, 2002, p. 43), expressão de não passividade dos subordinados.

Diante disso, enfatizamos que as múltiplas linguagens percebidas em uma realidade, como, por exemplo, o universo cotidiano de comunidades marginalizadas, ou mesmo de trabalhadores agrários, constituem-se em vozes discursivas que se tornam representações simbólicas pertinentes dos moradores e dos trabalhadores. Essas vozes trazem à tona uma permanente tensão, além de expressar a luta de classes, e formam um conjunto de muitas outras falas, “[...] ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si [...]”. (Barros, 2001, p. 34). Tal processo traduz-se em um lugar essencial para a construção de linguagens não hegemônicas, descolonizadas, as quais buscam confrontar-se com os discursos de poder. Isso tendo em vista que

> Um poder dominante pode legitimar-se promovendo crenças e valores compatíveis com ele; naturalizando e universalizando tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrindo ideias que possam desafiá-lo; excluindo formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada, mas sistemática; e obscurecendo a realidade social de modo a favorecê-lo (Eagleton, 1997, p. 19).

As formas de resistências cotidianas, na contramão do discurso hegemônico legitimado, podem romper com essa legitimação, promovendo o desafio àquilo que está colocado como inevitável, quebrando, assim, o círculo ideológico aparentemente incorruptível. Todas essas questões expressam a relevância da linguagem semiótica enquanto arena de embate político e infrapolítico, permeado pelas resistências cotidianas à dominação, esta compreendida, aqui, como “meios de extrair trabalho, bens e serviços de uma população subjugada” (Scott, 2013, p. 52).

E mais do que isso, as estratégias de dominação podem limitar as ações dos sujeitos históricos, mantendo-os cerceados pela ideologia e pelo poder dominante. “A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, bem como apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior [...]” (Volóchinov, 2018, p. 113).

Por outro lado, tais formas de resistências cotidianas expressam as difíceis condições de sobrevivência e expropriação das classes subalternas. São estratégias permanentes que não desaparecerão enquanto vivermos em uma sociedade desigual. Atos de resistência são permeados pela linguagem e pelo discurso, manifestando-se, cotidianamente, nos espaços de ocultação, o que leva à produção de novos espaços.

A resistência, por meio do discurso oculto, configura-se como luta permanente e articulada e precede muitos espaços de "sociabilidade antes da decisão, resultando de um processo de interação entre pensamentos e ações no viver cotidiano, o que os tornam agentes ativos de seu próprio destino, trilhando caminhos e fazendo escolhas complexas no fazer-se da história e no agir de todo dia" (Oliveira, 2023, p. 15).

As práticas comuns, onde a resistência cotidiana se estabelece, configuram-se como um campo permeado pela ideologia. Muitas vezes, ações inicialmente individuais tomam corpo e envolvem outros sujeitos contra o processo de dominação daqueles que detêm o poder. Assim, essa resistência transborda em seu caráter semiótico, rompendo o campo da passividade.

A ausência de confrontos diretos, desse modo, não significa a inexistência de articulações, mas traz para o debate a resiliência àquilo que ainda não se configurou publicamente, age enquanto obstinação. "É como se a voz [...], que lhes é negada no discurso público encontrasse a expressão vocal plena por de trás da cena" (Scott, 2013, p. 71). A externalização da expressividade, enquanto agente histórico atrelado à linguagem, adentra no mundo concreto onde os homens são constituídos.

3 Conclusão

A problemática apresentada no decorrer deste trabalho remete-nos à compreensão das possibilidades e desafios da resistência cotidiana amparada pela linguagem semiótica. Com base no exposto, podemos enfatizar que as discussões propostas procuram demonstrar as correlações existentes entre os conceitos de signo ideológico, na perspectiva de Valentin Volóchinov, e de resistência cotidiana, elaborada por James Scott.

O estudo de tais questões é de fundamental importância para as ciências humanas, pois favorece uma perspectiva de elucidação de ideologias e confronto indireto com a subordinação que diversos sujeitos vivenciam cotidianamente, como consequência da sociedade de classes produzida pelo modo de produção capitalista. Tal enfoque abrange desde as microrrelações de poder até as relações de poder explícitas pelo Estado, contribuindo para a elucidação das relações de subordinação e subalternidades.

O discurso oculto, como fonte de resistência não deflagrada ao embate público direto, apresenta mecanismos de combate dissimulados e de organização dos

dominados, favorecendo “a dialética do disfarce e da vigilância que permeia as relações entre os poderosos e os fracos [...]”, e colaborando, assim, com a compreensão dos “[...] padrões culturais de dominação e subordinação”, o que reverbera, inevitavelmente, na não aceitação da ideologia dominante (Scott, 2013, p. 30).

Tais questões problematizam e possibilitam análises diferenciadas nos trabalhos com ênfase nas diferenças, ampliando os debates do universo semiótico no qual o sujeito está inserido, o que faz emergir uma perspectiva que não se efetiva meramente como passiva, já que, segundo Scott (2013, p. 52-53):

> Estas formas de dominação são [...] a materialização de presunções formais de superioridade ou inferioridade, muitas vezes com estruturas ideológicas complexas, em que a conduta pública é regulada por um razoável grau de ritualismo e de ‘etiqueta’. Nesses sistemas de dominação, pelo menos em princípio, o estatuto é atribuído em função do nascimento, a mobilidade é praticamente nula e os grupos subordinados gozam de poucos ou nenhuns direitos civis ou políticos. Apesar de serem altamente institucionalizadas, estas formas de dominação apresentam um forte elemento de comando pessoal, [...]. Estruturas de dominação idênticas tendem, em condições equivalentes, a provocar reações e formas de resistência também elas idênticas entre si.

Rompem-se, assim, mecanismos de aceitação pela valorização de locais de fala, de onde não se espera, desconstruindo e desnaturalizando ideologias hegemônicas. Tal valorização favorece leituras dialéticas do processo histórico e dos signos ideológicos, seus determinantes, e desconstrói a condição de conformidade com o que está posto. Definem-se essas estratégias, desse modo, como resistências contra o sistema excludente que menospreza o sujeito mantendo-o à margem do processo. Vale lembrar que “os fatos sociais são também explicados pela via das interações humanas e pelos significados que os sujeitos a eles atribuem e, em muitos casos, mais do que pela ordem formal” (Sousa, 2013, p. 147).

Sendo assim, podemos concluir que a resistência cotidiana, na teoria de Scott, não pode ser compreendida como algo de pouca importância, ou tão somente uma maneira de amenizar as dores causadas pelas expropriações capitalistas. Pela análise dos discursos públicos e discursos ocultos, o autor promove uma leitura diferenciada das relações de poder e dos discursos ideológicos, demonstrando a capacidade dos sujeitos frente à hegemonia dominante. Isso faz com que seu pensamento dialogue com os pressupostos de Volóchinov, que enfatizam a esfera ideológica dos signos.

A resistência cotidiana é algo complexo, requer um olhar diferenciado e uma pesquisa mais ampla, uma vez que perpassa as situações de dominação, bem como as consequências destas para as classes subalternas, levando em conta as relações de poder existentes. Que os pressupostos e definições apontados neste artigo sirvam como ponto de partida para olhares sempre mais contundentes sobre o papel semiótico da ideologia na deslegitimação de discursos de opressão, violência e dominação político-social.

REFLECTIONS ON IDEOLOGICAL SIGN (VOLOSHINOV) AND HIDDEN DISCOURSE (SCOTT): LINGUISTIC DISCOURSE AS A MEANS OF RESISTANCE

Abstract: This article has resistance and the ideological sign as its object of study. Its objective is to reflect on the thoughts of Valentin Voloshinov and James Scott, who problematize issues related to ideology, demonstrating the correlations between the ideological sign, from Voloshinov's perspective, and everyday resistance, elaborated by Scott. It is justified by the need to understand hidden discourses as resistance and space of struggle. Regarding the methodology, this article is based on a theoretical research with a critical review of literature. It presents as a result the discursive ideological sign as a reflection of reality and a material fragment of it, through which resistance occurs daily, against the system of domination, in different places of speech, taking into account the relations of power and subordination. Such resistance often occurs in a camouflaged manner, distant from legitimate public discourses, but still as an expression of struggle. Through the research, it was concluded that the authors' theoretical elements dialogue with each other, understanding the subject as a result of social interactions and submerged in power relations.
Keywords: Resistance; ideology; ideological sign.

Referências

ALBERGONI, L.; PELAEZ, V. Da revolução verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas? *Revista de Economia*, v. 33, n. 1 (ano 31), p. 31-53, jan./jun. 2007. Editora UFPR. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/8546. Acesso em: 01 mai. 2024.

ARENDT, H. *A condição humana.* Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. *In*: Faraco, C. A.; Castro, G.; Tezza, C. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin.* Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 21-27.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. *In*: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo São Paulo*: Contexto, 2009, p. 15-30.

BRAIT, B. Tradição, permanência e subversão de conceitos nos estudos da linguagem. *Revista da Anpoll,* [S. l.], v. 1, n. 34, p. 91–121, 2013. DOI: 10.18309/anp.v1i34.667. Disponível em: https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/667. Acesso em: 29 mar. 2025.

CHAUÍ, M. de S. *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 2001.

EAGLETON, T. *Ideologia*: uma introdução. Tradução: Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Boitempo, 1997.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2003.

GONÇALVES, M. T. A natureza intersubjetiva do significado em Bakhtin e Wittgenstein. *Bakhtiniana,* São Paulo, 17 (2), abril/junho, 2022. p. 142-156. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bak/a/gN4kt5zcn9jdZGR5XcXHFmB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 07 nov. 2024.

HALL, S. “Quem precisa de identidade?” *In*: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 103-133.

LIVERMORE, M. My story of the war. Hartford, Conn., 1889. *In*: Albert J. Raboteaus, Slave Religion: *The invisible institution of the antebellum South.* Oxford University Press, Nova York: 1978.

NARZETTI, C. A filosofia da linguagem de V. Volochinov e o conceito de ideologia. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 57, n. 2, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alfa/a/3w5qBQdHCrpYm68gBPSZwjt/. Acesso em: 17 nov. 2024.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Tradução: Álvaro Pina. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, K. Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política de 1859. *In*: MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa Omega, s/d.

MENEZES, M. A. O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência à dominação: a contribuição de James C. Scott. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 32-44, 2002. Disponível em: https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/177. Acesso em: 1 mai. 2024.

MOLON, N. D.; VIANNA, R. (2012, jul./dez.). O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. *Bakhtiniana,* São Paulo, 7(2), 142-165. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/bak/a/SKstZ8JH7M66mxQ7RnncZ7j/. Acesso em: 30 abr. 2024.

OLIVEIRA, D. M. As contribuições da noção de resistência cotidiana para a historiografia da luta camponesa. *Revista de História Regional* 28: 1-16, e2322233, 2023 Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr. Acesso em: 26 abr. 2024.

PIRES, V. L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. *Organon,* Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782. Acesso em: 7 nov. 2024.

SANTOS, A.; DOULA, S. M. Políticas públicas e quilombolas: questões para debate e desafio à prática extensionista*. Revista Extensão Rural*, DEAER/PGExR – CCR – UFSM, ano XV, n. 16, jul./dez. 2008, p. 82. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242240338_POLITICAS_PUBLICAS_E_QUILOMBOLAS_QUESTOES_PARA_DEBATE_E_DESAFIOS_A_PRATICA_EXTENSIONISTA. Acesso em: 01 mai. 2024.

SCOTT, J. C. *A Dominação e a arte da resistência*: discursos ocultos. Tradução: Pedro Serras Pereira. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

SOUSA, D. Aplicação do conceito de “resistência cotidiana” de James C. Scott ao universo das organizações empresariais: perspectivas e aproximações*. Raízes*: Revista de Ciências Sociais e Econômicas/Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - v.33, n.2, jun-dez /2013 – p. 136-148. Disponível em: https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/392. Acesso em: 15 mai. 2024.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria.* Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em 11/05/2025

Aceito em 26/06/2025

Publicado em 30/06/2025